



# A Santa Sé

---

XVIII DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

**HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II**

*Domingo, 10 de Maio de 1981*

1. No quarto domingo de Páscoa, contemplamos Cristo ressuscitado, que diz de Si mesmo: "*Eu sou a porta das ovelhas*" (Jo 10, 7).

Nomeia-se também Bom Pastor; com aquelas palavras Ele completa em certo sentido esta imagem, dando-lhe nova dimensão:

"Em verdade, em verdade vos digo que aquele que não entra pela porta no curral das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador. Aquele que entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a sua voz; chama pelo nome as suas ovelhas, e leva-as para fora. E depois de fazer sair todas as ovelhas, vai adiante delas e as ovelhas seguem-no, porque conhecem a sua voz. Mas não seguirão um estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos" (Jo 10, 1-5).

Jesus, portanto, *é a porta do redil*. Ao atribuir-se esta qualificação, Jesus apresenta-se a si mesmo como o *caminho obrigatório* para se entrar pacificamente na comunidade dos remidos: Ele é de facto o *único mediador*, por meio do qual Deus se comunica aos homens e os homens têm acesso a Deus. Quem não passa através desta "porta" é "ladrão e salteador". Através de tal porta, ao contrário, passa a gente seguindo-O a Ele, que é o verdadeiro Pastor.

"Tende portanto muito presente — comentava Santo Agostinho — que o Senhor Jesus Cristo é a porta, e é o pastor: é a porta, pois se abre a Si mesmo (na revelação), e é o pastor, pois entra por si mesmo, Para dizer a verdade, ó irmãos, a prerrogativa de pastor comunicou-a também aos

Seus membros; e assim é pastor Pedro, e é pastor Paulo, e os outros apóstolos são pastores, e os bons Bispos são pastores. Nenhum de nós, porém, se atreve a dizer que é a porta; Cristo reservou, a Si só, ser a porta, através da qual entram as ovelhas" (*In Io. Evang. Tr. 47, 3*).

2. Esta imagem de Cristo, que, como único "Bom Pastor", é ao mesmo tempo a "porta das ovelhas", *deve estar diante dos olhos de nós todos*.

Deveis tê-la diante dos olhos de modo particular vós, caros Irmãos meus, os concelebrantes comigo nesta santa Missa, com que se inaugura o *Congresso internacional das Vocações*.

Chegue a todos e a cada um a minha saudação cordial: ao Senhor Cardeal Baum, Prefeito da Sagrada Congregação para a Educação Católica e aos seus colaboradores; aos venerados Irmãos no Episcopado e aos Sacerdotes, que se reuniram aqui como delegados ou convidados das Conferências Episcopais e das competentes Repartições das Conferências mesmas.

Saúdo depois os Superiores e as Superiores-Gerais, os Moderadores de Institutos Seculares e as outras digníssimas Pessoas, que se tornaram disponíveis, a preço também de não leves sacrifícios, a fim de trazerem o seu precioso contributo à reflexão comum.

O tema do Congresso, "Desenvolvimentos do cuidado pastoral das vocações nas Igrejas particulares: experiências do passado e programas para o futuro", mostra-se singularmente oportuno e actual. Propõe-se melhorar a mediação da Igreja local em ordem às vocações, e não há quem não veja a importância de tal "momento" da acção pastoral para a vida da Igreja no mundo inteiro.

Foram consultados, para esse fim, os Planos de Acção preparados nas Dioceses das diversas partes do mundo e os contributos de carácter nacional chegados à Sagrada Congregação para a Educação Católica: baseado neles foi redigido o "Documento de trabalho", que foi submetido à vossa atenção como útil esquema para as próximas discussões.

O Congresso apresenta-se, portanto, como *ponto de chegada* de um diligente trabalho de preparação, que não deixará de lhe favorecer o ordenado e frutuoso desenvolvimento. Os votos, valorizados pela oração comum, são que ele se torne também o *ponto de partida* de um novo impulso para a pastoral das vocações em cada Igreja particular. Deste modo fecha-se o círculo: partiu-se das várias experiências das Igrejas particulares e a elas se regressa agora com a riqueza dos contributos recolhidos no confronto com "o vivido" nas Igrejas irmãs.

Não posso esconder a minha alegria por o Congresso se realizar em Roma. Consente-me isto que me sinta directamente participante: inauguro-o juntamente convosco nesta concelebração eucarística, e estarei perto de vós com o pensamento e com a oração.

3. O problema das vocações sacerdotais — e também das religiosas tanto masculinas como femininas — é, di-lo-ei sem reboço, *o problema fundamental da Igreja*. É verificação da sua vitalidade espiritual e é a condição mesma de tal vitalidade. É a condição da sua missão e do seu desenvolvimento.

Isto refere-se tanto à Igreja, na sua missão universal, como também a cada Igreja local, à diocese e por analogia às Congregações religiosas. É necessário portanto considerar este problema em cada uma destas dimensões, se a nossa actividade no sector do despertar das vocações quer ser apropriada e eficaz.

As vocações são o  *sinal da vitalidade da Igreja*. A vida gera vida. Não por acaso o Decreto sobre a formação sacerdotal, tratando do dever de "dar incremento às vocações", sublinha "estar a comunidade cristã obrigada a desempenhar este encargo, primeiro que tudo, com uma vida perfeitamente cristã" (*Optatam totius*, 2). Como um terreno mostra a riqueza dos próprios sucos vitais pela pujança e viço da messe que nele se desenvolve (a referência à parábola evangélica do semeador é aqui espontânea: cf. *Mt* 13, 3-23), assim uma Comunidade eclesial dá prova do seu vigor e da sua maturidade com o florescimento das vocações, que chega nela a afirmar-se.

As vocações são também a  *condição da vitalidade da Igreja*. Não há dúvida que esta depende do conjunto dos membros de cada comunidade, do "apostolado comum", em particular do "apostolado dos leigos". Todavia é igualmente certo que, para o desenvolvimento deste apostolado, se revela  *indispensável* precisamente o  *ministério sacerdotal*. Isto, aliás, muito bem o sabem os leigos mesmos. O autêntico apostolado dos leigos baseia-se no ministério sacerdotal — e, por sua vez, manifesta a própria autenticidade conseguindo, além do mais, fazer desabrochar no próprio âmbito novas vocações.

4. Pode-se perguntar porque estão assim as coisas.

Tocamos aqui a  *dimensão fundamental do problema*, quer dizer, a verdade mesma sobre a Igreja: a realidade da Igreja, assim como foi plasmada por Cristo no mistério pascal e como se vai constantemente plasmando sob a acção do Espírito Santo. Para reconstruir na consciência, ou aprofundar, a convicção a respeito da importância das vocações, deve-se remontar  *às raízes mesmas de uma sã eclesiologia*, assim como elas nos foram desveladas pelo Vaticano II. O problema das vocações, o problema do despertar delas, pertence de modo orgânico àquele grande dever, que se pode chamar "a realização do Vaticano II".

As vocações sacerdotais são a verificação e ao mesmo tempo a condição da vitalidade da Igreja, primeiro que tudo porque esta vitalidade encontra a sua incessante  *fonte na Eucaristia*, como centro e apogeu de toda a evangelização e da plena vida sacramental. Brota daqui a necessidade indispensável da presença do ministro ordenado, que seja capaz de celebrar precisamente a Eucaristia.

E que dizer, em seguida, dos outros sacramentos, mediante os quais se alimenta a vida da Comunidade cristã? Quem administraria, em particular, o sacramento da penitência, se viessem a faltar os sacerdotes? E este sacramento é o meio estabelecido por Cristo para o renovamento da alma e para a sua activa integração no contexto vital da Comunidade. Quem atenderia ao serviço da Palavra? Todavia, na actual economia da salvação, "a fé depende da pregação e a pregação por sua vez realiza-se pela palavra de Cristo" (*Rom 10, 17*).

Há ainda as vocações para a vida consagrada. Constituem a verificação e ao mesmo tempo a condição da vitalidade da Igreja, porque tal vitalidade deve encontrar, por vontade de Cristo, a sua *expressão no radical testemunho evangélico, prestado ao Reino de Deus* no meio de tudo o que é temporal.

5. O problema das vocações não deixa de ser, caros Irmãos, problema que tenho a peito de modo muito particular. Disse-o em diversas ocasiões. Estou convencido que — não obstante todas as circunstâncias que fazem parte da crise espiritual existente em toda a civilização contemporânea — *o Espírito Santo não deixa de operar nas almas*. Ele, pelo contrário, opera ainda com maior intensidade. E é precisamente daqui que se abrem, também diante da Igreja de hoje, favoráveis perspectivas em matéria de vocações, contanto que ela procure ser autenticamente fiel a Cristo; contanto que ela ilimitadamente espere no poder da Sua redenção — e procure fazer todo o possível para "*ter direito*" a "*esta confiança*".

"Condição da *communio* específica do Povo de Deus — disse eu noutra circunstância — é a pluralidade das vocações e também a pluralidade dos carismas. É única a vocação cristã comum: a chamada à santidade; e único é o fundamental carisma de ser cristão: o sacramento do baptismo; todavia, sobre o seu fundamento distinguem-se as vocações particulares, como a sacerdotal e a religiosa e, ao lado destas, a vocação dos leigos que, por sua vez, traz consigo todo o conjunto das variedades possíveis. Os leigos, de facto, em diversos modos podem participar da missão da Igreja no seu apostolado.

Servem a comunidade mesma da Igreja, tomando parte, por exemplo, na catequese ou no serviço caritativo e, contemporaneamente, abrem no mundo as estradas em tantos campos do compromisso que lhes é próprio.

Servir a *comunhão* do Povo de Deus na Igreja significa *cuidar das vocações diversas* e dos carismas na sua especificidade, e actuar para que se completem reciprocamente, assim como os vários membros no organismo (cf. *1 Cor 12, 12 ss.*).

Podemos olhar confiadamente para o futuro das vocações, podemos contar com a eficácia dos nossos esforços que tendem a despertá-las, se afastamos de nós, de modo consciente e decisivo, aquela particular "tentação eclesiológica" dos nossos tempos, que de diversas partes e com múltiplas motivações procura introduzir-se nas consciências e nas atitudes do povo cristão.

Quero aludir às propostas que tendem a "laicizar" o ministério e a vida sacerdotal, a substituir os ministros "sacramentais" por outros "ministros" considerados mais em correspondência com as exigências pastorais hodiernas, e também a privar a vocação religiosa do carácter de testemunho profético do Reino, orientando-a exclusivamente para funções de animação social ou mesmo de empenho directamente político. Esta tentação diz respeito à eclesiologia, como lucidamente se expressou o Papa Paulo VI, que, falando na Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana sobre os problemas do Sacerdócio ministerial, declarava: "O que nos aflige a este propósito é a suposição, mais ou menos penetrada em certas mentalidades, de que se pode prescindir da Igreja como ela é, da sua doutrina, da sua constituição, da sua derivação histórica evangélica e hagiográfica, e é possível inventar-lhe e criar-lhe uma nova, segundo dados esquemas ideológicos e sociológicos, mudáveis eles também e não apoiados em intrínsecas exigências eclesiais; de maneira que se vê por vezes que, a abalar e a enfraquecer a Igreja neste particular, não são tanto os inimigos de fora, quanto alguns filhos seus, alguns que pretendem, de dentro, ser livres promotores dela" (*Insegnamenti di Paolo VI*, vol. VIII, 1970, p. 302).

6. *Cristo é a porta das ovelhas*. Todos os esforços da Igreja — e em particular do vosso Congresso —, todas as orações da nossa assembleia eucarística de hoje, confirmem de novo esta verdade.

Dêem-lhe a eficácia plena. Entrem através dessa "porta" *sempre gerações novas* de pastores da Igreja. Sempre novas gerações de "administradores dos mistérios de Deus" (1 Cor 4, 1). Sempre novas falanges de homens e mulheres que por meio de toda a sua vida — mediante a pobreza, a castidade e a obediência livremente aceites e professadas — dêem testemunho do Reino, que não é deste mundo e não passa nunca.

Cristo — *Porta das ovelhas* — abra-se de par em par para o futuro do Povo de Deus em toda a terra.

E aceite tudo o que, segundo as nossas débeis forças — mas apoiando-se na imensidade da Sua graça — procuramos fazer para despertar as vocações.

Interceda por nós nestas iniciativas a humilde *Serva do Senhor*, que é o modelo mais perfeito de todos os chamados; Ela que é chamada do Alto respondeu: "Faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1, 38).

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana